

Relato de experiência

Sou juíza federal de primeira instância há quinze anos e jurisdisdiciono, hoje, junto à 1ª vara federal de Joaçaba, pertencente ao Tribunal Regional Federal da 4ª Região. Neste ano de 2015, tive a oportunidade e a grata satisfação de atuar como formadora junto à ENFAM nos seguintes cursos: Formação de Formadores realizado em Porto Alegre de 24 a 26 de junho; Gestão de Pessoas presencial, em Salvador, dias 16 e 17 de julho; Formação de Formadores em Salvador, de 16 a 18 de setembro. Na modalidade ensino à distância, atuei como tutora no primeiro semestre e, atualmente, está em andamento um segundo curso de Gestão de Pessoas em EAD, no qual estou atuando também.

Foram oportunidades riquíssimas em termos de aprendizado, de troca de experiências e de convivência com servidores e colegas juízes pertencentes à Justiça Federal e à Justiça Estadual.

O curso Formação de Formadores, chamado FOFO, é realizado em diversos lugares do país. A equipe de juízes formadores, de servidores e de pedagogos da Enfam se desloca para a cidade onde é realizado o curso para juízes federais e estaduais. Até agora já tivemos cinco versões do curso FOFO pelo Brasil. Tive a oportunidade de participar de dois: em Porto Alegre e em Salvador.

Nesses cursos, o primeiro dia foi sempre ministrado por nós, juízes formadores. Inicialmente, tratamos de integrar a turma de juízes e servidores que estava fazendo o curso e, aos poucos, fomos introduzindo os métodos pedagógicos ativos. Em Porto Alegre, por exemplo, iniciamos com trechos do filme O sorriso da Mona Lisa e fizemos a provocação para que se colocassem no lugar da professora que dá aula para alunos que dizem saber tudo, traçando um paralelo com a desafiadora função de formador de juízes, com formação acadêmica, profissional e vivência bastante abrangentes. Aplicamos ainda dinâmicas como GVGO (grupo de visualização, grupo de observação), simulações, dramatizações, Philips 66, Brainstorm, intercalado com o método expositivo. Neste primeiro dia não há aprofundamento sobre noções pedagógicas. Os métodos ativos são simplesmente experimentados. O formato do curso com o primeiro dia ministrado por juízes tem se revelado acertado e diminui a resistência dos juízes em formação diante do novo conhecimento proposto. Isto porque, como referido por Armytage¹, a pessoa do juiz sintetiza o aprendiz adulto, caracterizado por: autonomia e autodirecionamento; sua preferência pela construção do conhecimento baseado em sua própria experiência; uma necessidade de perceber a relevância do aprendizado ante a aplicabilidade imediata. A empatia criada entre um juiz formador e um juiz em formação pode ser facilitadora do aprendizado. Isso porque, membros de uma classe profissional específica compartilham dos mesmos processos humanos básicos, tais como motivação, cognição e emoções. Ao escrever os dois primeiros princípios norteadores da educação judicial, Armytage sustenta:

¹ ARMYTAGE, Livingston. Leadership for Judicial Educators Vision for Reform.
<http://www.centreforjudicialstudies.com/publications/#ProfessionalArticles>

“1. Natureza Judicial da Escola: Há um imperativo doutrinário acerca da educação judicial no sentido de que ela deva ser dirigida por juízes e ficar a cargo dos tribunais, a fim de que seja bem sucedida no fortalecimento de um judiciário profissional e independente(...)2. Capacitação do corpo docente: A capacitação de juízes deve ser, sempre que possível, realizada por seus pares, para lhes assegurar maior legitimidade. Para isso, é necessário um contínuo programa de capacitação e formação de formadores.” os juízes, como aprendizes especiais, aprendem melhor e tem menos resistências se o aprendizado é com um par, com um também magistrado.

É inegável que a proposta dos cursos de Formação de Formadores trazida pela ENFAM é bastante inovadora e quebra antigos paradigmas, já bem solidificados no Poder Judiciário em que vivemos, hierarquizado e conservador. Propomos, por meio dos ideais da ENFAM, uma mudança total de rumos. Se antes pensávamos que o professor era o sábio detentor do conhecimento e o aluno o sujeito passivo, ignorante, no FOFO propomos que o aluno seja o protagonista do processo de aprendizagem e que o conhecimento possa ser construído coletivamente, com a colaboração de todos. Se antes imperava o método expositivo afirmativo, propomos, no FOFO, a adoção do método ativo, demonstrando inclusive o grau de eficácia deste último, considerando que lembramos mais facilmente e somos capazes de aplicar com maior eficácia aquilo que vivenciamos. Para muitos juízes essa nova proposta choca, porque trata de desconstruir o que já foi feito por anos e se tinha como verdade absoluta. Por isso, o início do curso com colegas juízes formadores trata de amenizar essa resistência, pois afinal, a pedagogia é um saber estranho para os magistrados e servidores do Poder Judiciário. Começamos vivenciando os métodos ativos para então, a partir do segundo dia, fazermos um mergulho no mundo pedagógico e conhecermos com mais profundidade no que consistem realmente esses chamados métodos ativos.

Verifiquei que em cada região do Brasil temos realidades distintas. Tive duas experiências muito diferentes: Porto Alegre e Salvador. No sul encontramos mais resistência e posicionamentos críticos e foi necessário lançar mão das mais diversas técnicas, flexibilizando a programação e alterando algumas dinâmicas para atender as necessidades do grupo. Já na capital baiana, encontramos mais acolhimento e receptividade, sendo que nossos desafios foram centrados em evitar a dispersão e melhorar a motivação do grupo. Urge que o juiz formador tenha sensibilidade para entender essas diferentes realidades locais, culturais, e seja capaz de se adaptar às necessidades da turma, mesmo que isso importe em alteração do planejamento antes elaborado. É preciso ter capacidade de improviso, algumas atividades extras (as chamadas cartas na manga) bem como pensar na possibilidade de encurtar ou suprimir algumas atividades caso o tempo não permita. O engessamento, de ficar preso ao plano de aula inicial, certamente não alavancará os resultados.

Quando falamos em método ativo, muitos tendem a pensar que essa mudança de metodologia seria aplicável somente nos cursos presenciais. Enganam-se. A metodologia ativa é também aplicável aos cursos à distância. Como comentei inicialmente, tive a oportunidade de ser tutora em curso à distância promovido pela ENFAM sobre Gestão de Pessoas. O curso foi desenvolvido de forma

assíncrona, isto é, tutor e participantes, não precisam estar ao mesmo tempo logados. A cada unidade era oferecida uma leitura sobre o tema da semana: Liderança, Delegação, Comunicação e Desempenho. Disponibilizamos também trechos de filmes sobre o tema, a cada unidade e, após, o aluno era instado a participar do fórum de discussões. Nesse momento, trazia sua experiência relacionada ao tema em questão, seus problemas e desafios e fazia um link com a parte teórica da unidade. Como tutora, respondia a cada postagem, sempre com novas perguntas e provocações, para que o aluno deixasse sua zona de conforto e partisse para uma atitude transformadora de modo a melhorar sua performance. Utilizei-me, nessa oportunidade, da técnica das “perguntas poderosas” que aprendi em minhas formações de coaching. As chamadas perguntas poderosas tratam de impactar em nosso sistema neuronal para que a solução seja encontrada. Conforme Anthony Robbins², as perguntas realizam três coisas específicas: mudam o que focalizamos e, em consequência, como sentimos; mudam o que suprimimos; e mudam os recursos à nossa disposição. Mesmo que o cérebro responda, a princípio, que não há nada que possa ser feito, se o tutor persistir com as perguntas, obterá as respostas que o participante precisa, além de fazê-lo sentir-se melhor, modificando seu estado emocional. As perguntas, em vez de apenas animá-lo, proporcionam razões concretas para sentir as emoções, pois podemos mudar como nos sentimos pela mudança de foco. Por meio das perguntas, o participante toma consciência do que quer e descobre seu antigo padrão limitador. Para modificar esse padrão, seria interessante perguntar: “Se você não mudar isso, qual será o preço final? Quanto lhe custará em longo prazo? Quanto sua vida seria transformada se fizer isso agora?” Para que o participante melhore seu estado, pode-se fazer as seguintes perguntas fortalecedoras: “O que é maravilhoso em sua vida hoje?” “Pelo que se sente sinceramente agradecido?” As perguntas, por seu turno, também mudam o que suprimimos, isto é, se se sente triste é porque está suprimindo as razões que pode ter para se sentir bem, e se sente bem é porque está suprimindo todas as coisas ruins que poderia estar focalizando. Por isso, é relevante que se indague: “Como pode aprender com esse problema a fim de que isso nunca mais torne a acontecer?” Essa pergunta afasta o problema atual para encontrar recursos que possam evitar que o participante sinta a repetição dessa dor no futuro. Do mesmo modo, as perguntas podem ter o condão de mudar os recursos à nossa disposição. Diante de um problema que aparenta ser de difícil solução, podemos perguntar: “Como você pode inverter a situação?” ou “Como você pode acrescentar ainda mais valor e ajudar mais pessoas com seu trabalho?” As perguntas, assim, podem moldar nossa percepção de quem somos, do que somos capazes, e do que estamos dispostos a fazer para realizar nossos sonhos.

O tutor, no processo de educação à distância, além de dominar o tema, tem a função de estimular o aprendizado, indicar novas possibilidades de aprendizado, como leituras, filmes. Deve ainda manter o clima de harmonia entre os participantes e de estimular a comunicação e a partilha de vivências e

² ROBBINS, Anthony. Desperte seu gigante interior. Tradução:Haroldo Netto, Pinheiro Lemos. -24ªed.- Rio de Janeiro:BestSeller, 2014.fl.s. 227 a 235.

informações entre os próprios participantes do curso. Nesse sentido, como frisa Ferreira e Lobo,³ (2003, p. 10-11):

Seja qual for o ambiente que o tutor de ensino a distancia esteja utilizando, é importante que ele saiba mediar grupos heterogêneos, mantendo a harmonia do curso e estimulando permanentemente a participação dos alunos, respeitando suas diferenças e o seu processo de construção de aprendizagens. É importante ainda que ele permaneça durante todo o curso incentivando e mantendo o interesse do grupo pelo estudo, tendo o cuidado de não parecer apenas um animador que apóia ou estimula, mas que também é conhecedor do tema e que, por isso, deve questionar e sugerir a ampliação do conhecimento, sugerindo *sítes*, leituras complementares, para aprofundamento do tema, participação em listas de discussão, seminários etc.

Na modalidade de EaD, o aluno, assim, como na forma presencial, é chamado a adotar o método ativo de aprendizagem. Behrens⁴ (2000) demonstra que, na realidade da EaD, o aluno precisa sair da condição de sujeito passivo, que só escuta, lê, decora, para tornar-se criativo, crítico, atuar como pesquisador e interagir constantemente com o conhecimento, com os colegas e com o tutor. Precisa *aprender a aprender* e desenvolver um princípio que é fundamental e determinante na sua vida acadêmica a distância: a autonomia. Assim, será do aluno a escolha do melhor horário que dispõe para ler o material ou para postar no fórum. No entanto, terá, necessariamente que reservar um horário diário para tanto, sob pena de não conseguir concluir o curso.

No curso de Gestão de Pessoas são propostos também estudos de casos sobre situações de conflito. Desse modo, de forma escrita, o aluno se coloca no lugar daquele que está passando pela situação e busca o melhor modo de solucionar o caso, com base em sua experiência de vida e nos materiais disponíveis no curso.

É interessante observar como os colegas juízes aprendem uns com os outros durante os cursos à distância e presenciais. Há troca de experiências, bem como troca de indicações de livros e filmes. A verdade é que vivemos os mesmos dilemas diários e crescemos muito com as experiências de nossos pares.

De fato, passamos por um momento histórico no nosso Poder Judiciário e a ENFAM está sendo protagonista desse processo, propondo a mudança por meio da educação. Estou certa de que esta proposta nos conduzirá a um caminho de mais humanidade, ética, eficiência e fraternidade, cujos resultados serão sentidos por toda a sociedade. Que este seja nosso legado às futuras gerações!

³ FERREIRA; S. L.; LOBO, V. I. T. O tutor na educação a distância: que sujeito é esse. In: SERIE PROGED. Salvador, ISP/UFBA, p.1-12,2003.

⁴ BEHRENS, Maria Aparecida. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T. Novas tecnologias e Mediação Pedagógica. São Paulo: Papirus, 2000. p. 67-131

